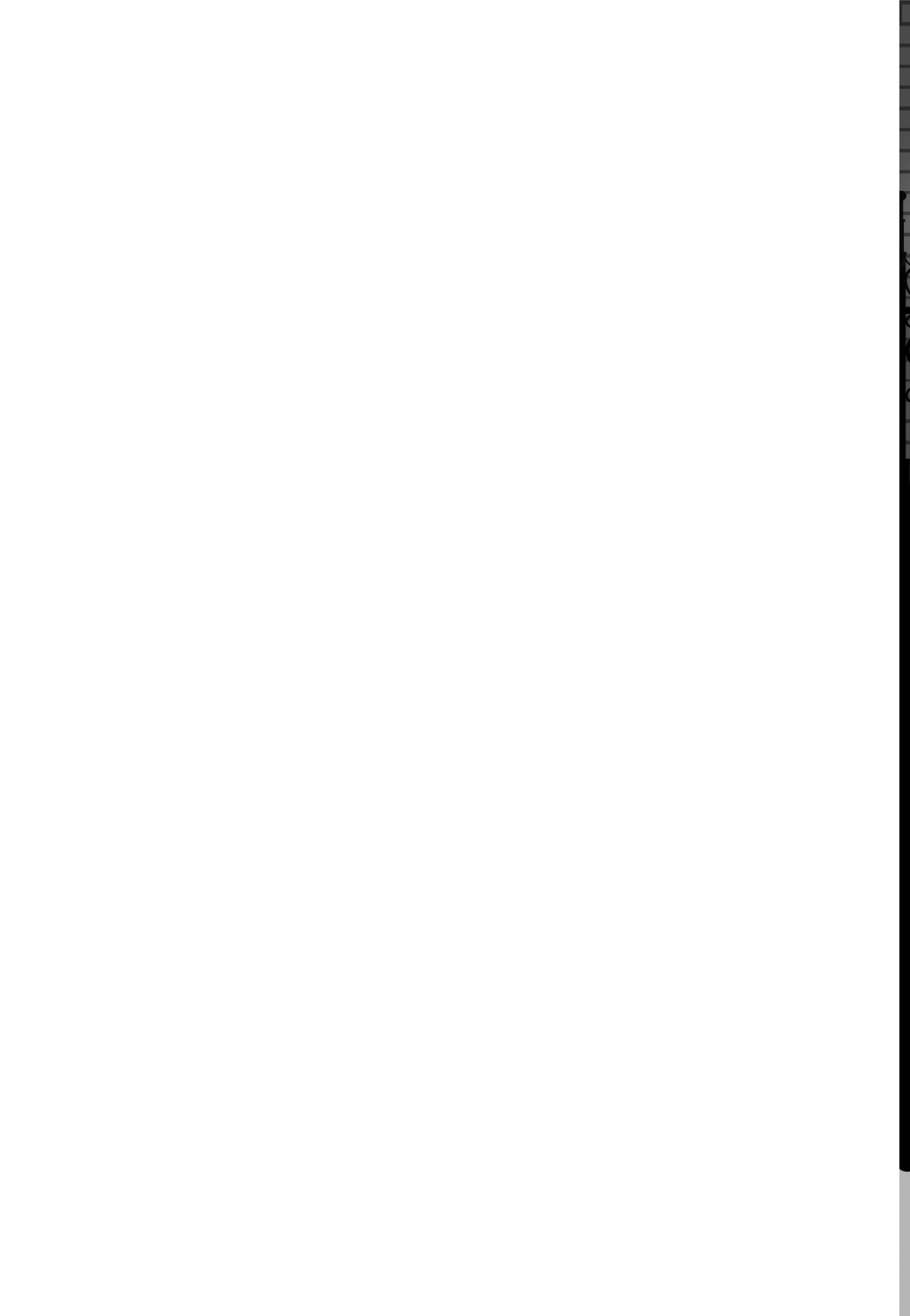


ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



ARSENÈNE
LUPIN

E VICTOR,
DA BRIGADA
ANTICRIME



Tradução
Mônica Medrado



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
Victor, de la Brigade Mondaine

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
Maurice Leblanc

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Mônica Medrado

Design de Capa
Ciranda Cultural

Preparação
Mirtes Ugeda Coscodai

Imagens
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;

Revisão
Maitê Ribeiro

Lisa Kolbasa/shutterstock.com;
Maryia Darozhka ART/shutterstock.com;
Ilya Bolotov/shutterstock.com;
ntnt/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e Victor, da brigada anticrime / Maurice Leblanc ; traduzido por Mônica Medrado. – Jandira, SP : Principis, 2021. 192 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: Victor, de la Brigade mondaine ISBN: 978-65-5552-505-2
	1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Medrado, Mônica. II. Título. III. Série.
2021-1829	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

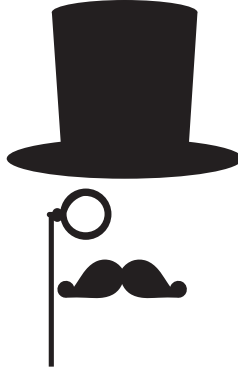
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Ela corre. A lebre está correndo	9
O boné cinza	27
A amante do barão	41
As investigações	55
A princesa Basileïef	67
As apólices do governo	82
Os cúmplices	96
A grande batalha no Hotel Cambridge.....	112
No coração da Praça.....	129
O dossiê ALB.....	146
A angústia.....	159
O triunfo de Lupin	171



Victor, da Brigada Anticrime, a quem o roubo das apólices do governo, o duplo assassinato do padre Lescot e de Élise Masson, e a sua teimosa luta contra Arsène Lupin lhe valeram enorme reputação, era, antes dessa época, um velho policial, habilidoso, artiloso, ranzinza, insuportável mesmo, que fazia seu trabalho amador para quando lhe “desse na telha”; razão pela qual a imprensa muitas vezes teve oportunidade de destacar suas atitudes atípicas e seu método para lá de imaginativo. Devido ao impacto provocado por algumas reclamações, no comandante-geral da polícia, eis aqui a nota confidencial que a ele foi comunicada pelo senhor Gautier, diretor da polícia judiciária, apoiador incondicional de seu subordinado.

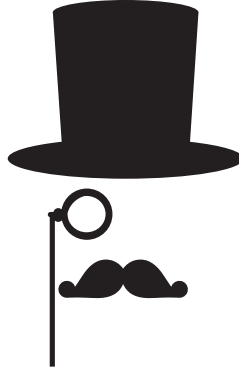
O inspetor Victor, cujo verdadeiro nome é Victor Hautin, é filho de um promotor público, falecido em Toulouse há quarenta anos. Victor Hautin passou parte de sua vida nas colônias francesas. Admirável funcionário público, encarregado das mais delicadas e perigosas missões, muitas vezes teve de ser transferido após reclamações feitas contra ele por maridos, cujas esposas seduzira, ou por pais, cujas filhas levava consigo. Esses escândalos o impediram de reivindicar altos cargos administrativos.

Mais sossegado ao longo dos anos, e após herdar uma bela fortuna, mas ansioso para ocupar o seu tempo livre, foi-me recomendado

por um de meus primos, residente em Madagascar, que tinha grande estima por Victor Hautin. Na verdade, apesar da sua idade, da sua excessiva independência e do seu caráter sombrio, trata-se de um auxiliar precioso, discreto, sem ambição, pouco preocupado com propagandas e cujos serviços aprecio em demasia.

Francamente falando, quando essa nota foi escrita, a fama de Victor não ultrapassava seu estreito círculo de chefes e de colegas. Para colocá-lo em evidência, foi preciso aparecer inesperadamente, diante dele, esse extraordinário, esse formidável personagem chamado Arsène Lupin, que daria ao soturno caso das apólices o seu significado e a sua merecida atenção. Parece que as já notáveis qualidades do velho inspetor foram subitamente elevadas à máxima potência pelo prodigioso adversário que, dadas as circunstâncias, constituía um desafio.

Travou uma batalha ardente, implacável, cheia de ódio e de artimanhas. De início, nas sombras, depois em pleno lampejo, foi por conta da inesperada reviravolta com que esse caso termina, aliada ao prestígio de Lupin, que fizeram o nome de Victor, da Brigada Anticrime, famoso em todo o mundo.



ELA CORRE. A LEBRE ESTÁ CORRENDO...

1

Foi por puro acaso que Victor, da Brigada Anticrime, entrou no Cine Balthazar, em um domingo à tarde. Uma falha em uma perseguição o fez abortar uma missão, por volta das quatro horas, no populoso Boulevard de Clichy. Para escapar da confusão de um parque de diversões, ele se sentou no terraço de um café e, percorrendo um jornal vespertino, leu este pequeno artigo:

Dizem que, por estes dias, o célebre ladrão Arsène Lupin, depois de alguns anos de silêncio, mas de quem se fala muito ultimamente, foi visto em uma cidade do Leste, na última quarta-feira. Inspetores foram enviados de Paris. E mais uma vez, ele teria escapado das garras da polícia.

“Canalha!”, murmurou Victor, um policial inflexível que considera os malfeitores como inimigos pessoais, e que se dirige a eles com termos desprovidos de qualquer amenidade.

Foi então que, bastante mal-humorado, refugiou-se no cinema, onde, na segunda sessão, era exibido um filme popular de aventuras policiais. Ele se sentou no balcão lateral. O intervalo chegava ao fim. Victor resmungou, agora furioso com sua decisão. O que ele estava fazendo lá? Estava prestes a sair e já ia se levantando, quando viu sozinha, em um camarote à sua frente, a poucos metros dele, uma mulher lindíssima, de rosto pálido, usando uma bandana vermelha, de reflexo alaranjado. Era uma daquelas admiráveis criaturas para quem todos os olhares são atraídos, mesmo que não procurasse chamar atenção nem pela forma como se portava, nem pela exibição de qualquer ostentação.

Victor permaneceu. Antes que a escuridão tombasse sobre a sala, ele teve tempo de registrar o reflexo alaranjado da bandana e o brilho metálico de seus olhos claros e, sem se preocupar com o tédio que lhe provocavam as aventuras extravagantes do filme, ficou até o final.

Não que ainda estivesse na idade de se acreditar capaz de agradar a uma mulher. Não. Ele conhecia muito bem o azedume de seu aspecto, seu ar hostil, sua pele rugosa, suas têmporas grisalhas; em suma, esse conjunto grosseiro de um ex-ajudante de cavalaria que passou dos cinquenta anos, e que buscava se fazer elegante dentro de roupas muito justas e que cheiravam a confecção ordinária. Mas a beleza feminina era um espetáculo do qual ele não se cansava e que o fazia lembrar-se das melhores emoções da sua vida. Além disso, gostava do seu trabalho, pois algumas imagens o faziam querer discernir entre o que nelas se escondia de misterioso, de trágico ou, até mesmo, de infinitamente simples.

Quando a luz se difundiu novamente, a mulher se levantou, e ele constatou que ela era alta, muito distinta e muito bem-vestida, características

essas que só o estimulavam. Ele queria ver, e queria saber tudo sobre ela, então decidiu que a seguiria, mais por curiosidade pessoal que por interesse profissional. Mas, no momento em que ele ia se aproximar, houve um tumulto repentino embaixo do balcão, entre a massa de espectadores que saía. Os gritos aumentavam. Uma voz masculina esbravejou:

– Pega ladrão! Detenham-na! Ela me roubou!

A elegante senhora debruçou-se para ver o tumulto. Victor se debruçou também. Embaixo, no corredor central, um jovem baixo e corpulento, gesticulava com o rosto contraído, lutando furiosamente para abrir caminho entre a fila de gente apressada ao seu redor. A pessoa para quem ele apontava o dedo em riste e tentava alcançar devia estar bem longe, pois nem Victor, nem nenhum dos espectadores, notou uma mulher correndo, tentando fugir. No entanto, ele vociferava, ofegante, erguendo-se na ponta dos pés, avançando com cotoveladas e dando empurrões com os ombros:

– Ali!... ali!... ela está atravessando a porta... de cabelos negros... de vestido preto... de chapéu...

Ele ofegava, incapaz de dar qualquer informação que pudesse identificar a mulher. Ao final, empurrou as pessoas com tanta violência que conseguiu abrir caminho e pular pelo saguão de entrada, até o vão dos portões abertos.

Foi aqui que Victor, que já descera do balcão, juntou-se a ele e o ouviu dizer novamente:

– Pega ladrão! Detenham-na!

Todo o barulho do parque de diversões crepitava do lado de fora, uma intensa nuvem de poeira se erguia na sombra do anoitecer. Atormentado, tendo sem dúvida perdido a fugitiva de vista, o jovem, imóvel por dois ou três segundos na calçada, a rastreava com os olhos, espiando à direita, à esquerda, à frente. Então, de supetão, ele a viu e correu em direção à Praça Clichy, deslizando por entre carros e bondes.

Ele já não gritava, mas corria rápido, às vezes pulando, como se esperasse surpreender novamente aquela que o roubara, entre as centenas de

transeuntes. No entanto, ele tinha a impressão de que, desde o cinema, alguém também corria, quase que ao seu lado, e isso deve tê-lo encorajado, porque redobrou de velocidade.

Uma voz lhe perguntou:

– O senhor ainda a vê?... Como diabos pode vê-la?

Esbaforido, ele sussurrou:

– Não... eu não a vejo mais. Mas ela certamente pegou essa rua daqui...

Ele seguiu por uma rua bem menos movimentada, onde seria impossível não distinguir uma mulher que caminhava mais rápido do que os outros.

Em um cruzamento, ele ordenou:

– Pegue a rua da direita... e eu, esta aqui. Nos encontraremos no final dela... Lembre-se... de cabelos castanhos, vestida de preto...

Mas não tinha dado nem vinte passos, na rua por ele escolhida, e se escorou contra um muro, sem fôlego, cambaleante. E foi somente nesse momento que percebeu que seu companheiro não só não o tinha obedecido, como ainda também se escorava em sinal de reciprocidade ao seu cansaço.

– Como? – perguntou ele encolerizado. – O senhor de novo? E, no entanto, eu o recomendei...

– Sim – respondeu o outro –, mas o senhor parecia escolher o caminho ao acaso, desde a Praça Clichy. É preciso pensar. Estou acostumado com histórias desse tipo. Às vezes, vamos mais rápido sem nos mexer.

O jovem observou essa figura prestativa que, estranhamente, apesar de sua aparência idosa, não estava esbaforido com a corrida.

– Ah! – exclamou ele, carrancudo. – Então o senhor está acostumado com isso?

– Sim, sou da polícia... Inspetor Victor.

– O senhor é da polícia? – repetiu o jovem distraidamente, com os olhos fixos. – Nunca vi um sujeito da polícia.

Teria sido essa uma apresentação agradável ou desagradável para ele?

Ele estendeu a mão para Victor e agradeceu.

– Adeus. O senhor foi muito gentil – e já ia se afastando, quando Victor o deteve.

– Mas, e quanto a essa mulher? Essa ladra?

– Não se preocupe... vou encontrá-la.

– Eu poderia ajudá-lo, basta apenas que me dê algumas informações.

– Informações? Sobre o quê? Eu me enganei.

Virou-se e começou a andar mais rápido. O inspetor o acompanhou, com o mesmo passo apressado e, quanto mais o outro parecia ansioso para interromper a conversa, mais ainda o inspetor se aproximava dele. Não se falavam mais. O jovem parecia com pressa de alcançar um propósito que já não era mais o de capturar a ladra, visto que ele obviamente caminhava sem direção.

– Vamos entrar aqui – disse o inspetor, que agora o conduzia pelo braço em direção ao andar térreo, e cujo letreiro vermelho indicava: Delegacia de Polícia.

– Aqui? Para fazer o quê?

– Precisamos conversar e o meio da rua não é o melhor lugar.

– O senhor é louco! Deixe-me em paz! – protestou o estranho.

– Não sou louco e não vou deixá-lo em paz – objetou Victor, ainda mais implacável ao se lembrar que, por causa dessa perseguição, tinha abandonado a bela mulher do cinema.

O estranho resistiu, deu um soco, recebeu dois e, por fim, derrotado, dominado, foi empurrado para uma sala onde estavam reunidos cerca de vinte agentes uniformizados.

– Victor, da Brigada Anticrime – anunciou o inspetor ao entrar. – Tenho algumas palavras para trocar com esse cavalheiro. Algum inconveniente nisso, suboficial?

O anúncio desse nome, Victor, famoso no meio policial, provocou uma onda de curiosidade. O suboficial colocou-se imediatamente à disposição

dele, e Victor explicou-lhe brevemente o caso. O jovem desabou em um banco.

– Exausto, hein! – exclamou Victor. – Mas também, por que o senhor corria feito louco, logo após ter perdido sua ladra de vista? Ou era o senhor que estava fugindo?

O outro se indignou:

– Mas, ora, o que o senhor tem a ver com isso? Tenho todo o direito de correr atrás de quem eu quiser, diabos!

– O senhor não tem o direito de provocar escândalo em espaço público, não mais do que o direito de soar o alarme de um trem sem um forte motivo...

– Eu não fiz mal a ninguém.

– Sim, fez a mim. Eu estava seguindo uma pista extremamente interessante. Que pena! Seus documentos...

– Não os tenho.

Não demorou muito, e Victor com agilidade ainda mais feroz vasculhou a casaca do detido, apanhou sua carteira, examinou-a e perguntou:

– É esse o seu nome, Alphonse Audigrand? Alphonse Audigrand... O senhor já ouviu falar dele, policial?

– Podemos ligar... – o policial sugeriu.

Victor pegou o telefone, perguntou pelo Comando Geral da Polícia, esperou e continuou:

– Alô? Polícia judiciária, por favor... Alô, é você, Lefébure? Sou eu, Victor, da Anticrime. Diga, Lefébure, tenho aqui em minhas mãos um tal senhor Audigrand que não me parece muito católico. Esse nome lhe diz alguma coisa? Hein? O quê? Sim, Alphonse Audigrand... Alô... um telegrama de Estrasburgo? Leia-o para mim... Perfeito... Perfeito... Sim, um gordinho, de bigodes caídos... Certo... Quem está de serviço na repartição? Hédouin, o inspetor-chefe? Coloque-o a par disso e diga para que ele venha buscar nosso homem na delegacia da Rua des Ursins. Obrigado.

O homem ajeitou-se na cadeira.

Ao desligar, o inspetor virou-se para Audigrand e disse:

– Empregado do Banco Central do Leste, o senhor está desaparecido desde a última quinta-feira, dia do roubo das nove apólices do governo. Um belo golpe de novecentos mil francos! Caso sórdido! E foi justamente esse tesouro que lhe roubaram no cinema, agora há pouco. Quem? E quanto à sua ladra?

Audigrand chorava, sem forças para se defender, e sem pensar confessou:

– Esbarrei com ela anteontem, no metrô; ontem almoçamos e jantamos juntos. Por duas vezes, ela percebeu que eu estava escondendo um envelope pardo no bolso. Hoje, no cinema, ela ficou o tempo todo debruçada sobre mim, beijando-me...

– O envelope continha as apólices?

– Sim.

– O nome da mulher?

– Ernestine.

– Ernestine de quê?

– Não sei.

– Ela tem família?

– Não sei.

– Ela trabalha?

– É datilógrafa.

– Onde?

– Em um depósito de produtos químicos.

– Endereço?

– Não sei. Encontramo-nos perto do bairro da Madeleine.

Ele soluçava tanto que foi difícil entendê-lo. Victor, que não precisava saber de mais detalhes, levantou-se, entendeu-se com o policial para que nenhum cuidado fosse negligenciado e voltou para jantar em sua casa.